

Brasil dará perspectiva de inclusão ao G20 e COP 30, diz chefe da AIE¹

Daniela Chiaretti²

Ocupando as presidências do grupo das economias mais industrializadas, o G20, em 2024, e da conferência climática da ONU, a COP 30, em 2025, o Brasil terá oportunidade de influenciar o debate internacional com a perspectiva de mais inclusão, justiça e equidade. A opinião é do economista turco Fatih Birol, presidente da Agência Internacional de Energia, a AIE, que chega hoje ao Brasil.

“Conheço e acompanho o Brasil há anos. Governos mudam, mas a sustentabilidade está no DNA dos homens e das mulheres brasileiros”, diz Birol em entrevista exclusiva ao **Valor**. “Nos próximos dois anos, o Brasil será levado ao centro do palco dos assuntos internacionais e acredito que o mundo se beneficiará da liderança brasileira.”

No esforço de descarbonização mundial, “uma das principais soluções é a bioenergia”, diz ele. Segundo as contas da AIE, 52% do consumo de energia renovável no mundo vem da bioenergia enquanto solar, eólica, geotérmica e hidrelétrica somadas têm menos de 50%. “Mas bioenergia não recebe o crédito e a atenção que merece dos formuladores de políticas”, continua. Segundo a AIE, a expansão global dos biocombustíveis deve crescer 30% mais rápido até 2028 do que nos últimos cinco anos. O Brasil responderá por 40% desse crescimento.

O economista turco que lidera a AIE desde 2015 chega amanhã a Brasília e fica até o dia 1º. É sua terceira visita ao Brasil. Veio em 2013, como economista-chefe da organização e em 2017, quando o Brasil se associou. Encontrará os ministros Alexandre Silveira (Minas e Energia), Mauro Vieira (Relações Exteriores), Marina Silva (Meio Ambiente e Mudança do Clima), Fernando Haddad, (Fazenda), Luciana Santos (Ciência) e o vice-presidente Geraldo Alckmin.

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2024/01/29/brasil-dara-perspectiva-de-inclusao-ao-g20-e-cop-30-diz-chefe-da-aie.ghtml>

Acessado em 29.01.2024

² Jornalista do Valor Econômico

Há outros dois tópicos que Birol pretende discutir com o governo brasileiro - um deles é o financiamento global para que as energias renováveis tomem impulso nos países em desenvolvimento e nos emergentes. “Precisamos ver como criar mecanismos, no contexto do G 20 e da COP 30 para garantir o financiamento da energia verde nos países em desenvolvimento.”

O outro ponto é o que ele considera uma “obsessão pessoal” - equacionar o cozimento de alimentos na África, maior problema climático e energético da região. Quase 80% do continente utiliza fogões a lenha, o que causa morte precoce de mulheres e crianças por problemas respiratórios e emissão de gases-estufa similar à do transporte marítimo e aviação globais. “Estudos da AIE dizem que bastariam US\$ 4 bilhões ao ano para resolver um tópico que, na minha opinião, é uma questão de gênero, de justiça, climática e energética. Gostaria de ter o apoio do governo brasileiro para isso”, afirma.

No futuro, o mundo talvez não precise de significativa produção adicional de petróleo” – Fatih Birol

Em 2024, a demanda global de petróleo deve ser menor do que a de 2023 - aumentará cerca de 1,2 milhão de barris por dia. O crescimento da produção virá dos EUA, Brasil, Canadá e Guiana. Birol lembra, contudo, que os países concordaram na COP 28, em se afastar dos combustíveis fósseis. “Se tivermos que acelerar o afastamento aos combustíveis fósseis, que são a principal causa da mudança climática, temos todos que colocar na mesa políticas sólidas de energia limpa. Tenho confiança que o governo brasileiro, na liderança do G 20 e da COP 30, facilitará essa aceleração.”

Ele também diz que é preciso observar o que ocorre nos mercados, na inovação de carros elétricos e fontes renováveis de energia. “A economia de tudo isso diz que a participação dos combustíveis fósseis irá diminuir.” A seguir, trechos da entrevista:

Brasil nos holofotes

Os próximos dois anos são muito importantes para o Brasil, que preside o G 20 e, depois, a COP 30. Estou muito feliz que um país como o Brasil, que coloca a sustentabilidade no topo da agenda, irá liderar dois grandes eventos internacionais. Esses dois anos serão uma oportunidade única para o Brasil estar no centro do palco dos assuntos internacionais como um ator global e como líder da América Latina. Eu gostaria de compartilhar minhas sugestões com o governo brasileiro.

Inclusão e justiça

A liderança brasileira nos próximos dois anos será a voz dos países e das pessoas mais afetados pelos efeitos da mudança climática e da transição para a energia limpa. Estou certo que o Brasil trará, em todas as discussões, visões de inclusão e justiça, com um ponto de vista igualitário.

Bioenergia

O mundo está passando por um grande esforço de descarbonização e uma das principais soluções é a bioenergia. Quando se analisam os números, 52% do consumo de energia renovável no mundo vem da bioenergia. As energias solar, eólica, geotérmica e hidrelétrica somadas têm menos de 50%. Mas bioenergia não recebe o crédito e a atenção que merece dos formuladores de políticas. Espero que nos próximos dois anos se coloque a bioenergia no lugar que merece.

Financiamento verde

O terceiro ponto que gostaria de discutir com meus parceiros brasileiros são sugestões que fizemos como AIE na COP 28. Muitas propostas nossas foram aceitas no documento final, mas faltou uma importante, que tem a ver com o financiamento da energia verde nos países em desenvolvimento e emergentes. Ver como podemos criar mecanismos no contexto do G20 e da COP 30 para garantir o financiamento da energia verde nos países em desenvolvimento.

Fogões a lenha na África

Uma das minhas obsessões é equacionar o cozimento de alimentos na África, maior problema climático e energético da região (quase 80% do continente utiliza fogões a lenha, o que causa morte de mulheres e crianças e emissão de gases-estufa similar à dos setores globais de transporte marítimo e aviação). Vou fazer uma reunião de cúpula em Paris em maio, co-presidida pela Tanzânia e Noruega, com participação de empresas de energia, investidores e bancos internacionais. A ideia é discutirmos como resolver essa questão de uma vez por todas. Estudos da AIE dizem que bastariam US\$ 4 bilhões ao ano para resolver um tópico que, na minha opinião, é uma questão de gênero, de justiça, climática e energética. Gostaria de ter o apoio do governo brasileiro.

Demanda de petróleo

Nossa expectativa é que em 2024 a demanda global de petróleo seja muito mais fraca do que no ano passado. A demanda global de petróleo aumentará cerca de 1,2 milhão de barris por dia (foi de 2,3 milhões de barris/dia em 2023). Mas é importante notar que o crescimento forte da produção virá das Américas - dos EUA, Brasil, Canadá e Guiana. Se não houver uma grande escalada (do conflito) no Oriente Médio, espero que tenhamos um mercado de petróleo confortável este ano.

O fator China

Olhando para o futuro, esperamos que a demanda global de petróleo atinja o pico antes de 2030 como resultado de dois fatores. O primeiro é a China. O país, de longe o maior impulsionador do crescimento da demanda global de petróleo, terá uma desaceleração considerável da economia. Portanto, o crescimento da demanda de petróleo diminuirá, o que terá impacto no mundo.

Transportes

O segundo fator é o setor de transportes. Tanto o aumento do uso da eletrificação quanto o uso da bioenergia significam que o crescimento da demanda de petróleo atingirá o pico e começará a diminuir lentamente. Isso mesmo com as políticas existentes, mesmo se não promovermos mais a energia limpa. O Brasil, contudo, ainda estará com produção significativa de petróleo o que, portanto, apoiará a economia brasileira. Uma questão a ser considerada, contudo, é que no futuro o mundo talvez não precise de uma quantidade significativa de produção adicional de petróleo.

Futuro dos combustíveis fósseis

Na COP 28, mais de 200 países assinaram documento afirmando que irão se afastar dos combustíveis fósseis. Espero que honrem o compromisso. O segundo ponto é que é preciso observar o que está acontecendo nos mercados, tanto no desenvolvimento tecnológico -dos carros elétricos, de bioenergia, de energia solar, eólica, hidrogênio- quanto em termos econômicos. A economia de tudo isso diz que a participação dos combustíveis fósseis irá diminuir.

O ritmo desse declínio pode não nos levar à meta de 1,5°C que os cientistas dizem ser o limite para o planeta, tendo em vista o futuro que gostaríamos de ter. Se tivermos que acelerar o afastamento aos fósseis, principal causa da mudança climática, temos que colocar na mesa políticas sólidas de energia limpa. Tenho confiança que o governo brasileiro, na liderança do G 20 e da COP 30, facilitará essa aceleração.

DNA sustentável

Conheço o Brasil há anos. Governos mudam, mas a sustentabilidade está no DNA dos homens e das mulheres brasileiros. Nos próximos dois anos, o Brasil será levado ao centro do palco dos assuntos internacionais e o mundo se beneficiará da liderança brasileira.